

Versão dos diálogos

1ª lição

Essa é uma idéia brilhante!

Num estúdio da Deutsche Welle, os locutores e o diretor de gravação lêem algumas cartas de ouvintes que a emissora recebeu, com referência às três séries do curso de alemão.

- Andreas: Já há reações ao curso?
Diretor: Sim, nós recebemos várias cartas de ouvintes.
Dr. Thürmann: E o que dizem as cartas?
Diretor: Eu não posso ler todas elas. Isso demora muito.
Hanna: Não todas, mas algumas – por favor!
Sra Berger: Sim, isso também me interessa.
Diretor: (*Suspira, mas concorda*) Está bem.
Locutor: Mas, por favor, não demorem muito!
Diretor: Eu tenho aqui uma carta do Sr. Card, dos Estados Unidos. Um momento. (*folheia e lê*) “Eu gosto das aventuras do Andreas como porteiro do Hotel Europa”.
Andreas: Eu também.

A Ex só quer saber o que escreveram sobre ela.

- Diretor: (*Folheando*) E aqui temos uma carta da Ângela, da Colômbia. Ela escreve: “Eu estou muito feliz porque estudei a gramática. Agora entendo o acusativo, que sempre foi ... (é interrompido por Ex).
Ex: Gramática, gramática, acusativo – isso é aborrecido! Os ouvintes não escreveram nada sobre mim? O que eles acham de mim, isso é o que quero saber!
Diretor: Não há problema, Ex. Aqui temos uma carta da Inglaterra onde tem algo sobre você. (*lê*) “The introduction of Ex is a brilliant idea”.
Ex: (*furiosa*) Isso eu não entendo! O que quer dizer em alemão?
Diretor: Você é uma idéia brilhante!
Ex: Idéia? Como eu sou uma idéia? Eu sou eu!

Como alguns ouvintes escreveram dizendo que não entendem bem a voz da Ex, a equipe está pensando se não poderia mudar a sua voz.

- Diretor: Isto aqui é bastante importante: alguns ouvintes escevem que eles não entendem bem a Ex.
Andreas: Nós podemos dar-lhe uma outra voz.

Diretor: Vamos experimentar. Ex, diga alguma coisa!
Ex: Com a palavra mágica eu deveria sair do livro e ...
Diretor: Está bem, pare! Mais uma vez, por favor!
Ex: Com a palavra mágica ...
Dr. Thürmann: A voz dela não pode ficar normal?
Diretor: Não; Ex é um personagem especial, um duende feminino e por isso precisa de uma voz especial.
Ex: Eu também acho!
Diretor: Mas isso é um problema técnico. Nós solucionamos depois.

2ª lição

O que a sra. quer fazer?

A sra. Berger chamou Andreas e Hanna para uma conversa no Hotel Europa. Ela tomou uma decisão importante.

Andreas: Me diga uma coisa, você sabe por que a sra. Berger quer falar conosco?
Hanna: Não, não tenho a mínima idéia. Mas eu sei porque eu quero falar com ela.
Andreas: Eu também.
Sra. Berger: *(entra)* Que bom que todos vocês vieram.
Ex: *(baixinho)* Como todos? Ela não me perguntou se eu vinha ...
Sra. Berger: Ex, eu ouvi o que você disse. Desculpe, naturalmente você é bem-vinda. Bem, eu tomei uma decisão importante.
Andreas: *(baixinho)* Agora a coisa ficou interessante. (em voz alta) Eu também, sra. Berger.
Hanna: Eu tenho que lhe dizer algo impreterivelmente.
Sra. Berger: Já já, Hanna.
Hanna: Mas é muito importante. *(eufórica)* É que eu vou me casar. E então não quero mais trabalhar.
Sra. Berger: É, isso é realmente uma surpresa.
Andreas: Eu também não posso mais trabalhar aqui. Eu terminei os meus estudos e logo consegui um trabalho formidável.
Hanna: Que trabalho?
Andreas: Eu tenho que escrever reportagens sobre os novos estados do leste.
Sra. Berger: Que interessante, é justo para lá que eu quero ir.
Andreas: Como?
Hanna: O quê?

A sra. Berger quer ir embora de Aachen e abrir um hotel num dos novos estados. Mas ela ainda não sabe onde.

Andreas: Sra. Berger, agora é finalmente a sua vez. Eu gostaria de saber o que a sra. quer fazer.
Sra. Berger: É muito simples. Eu estou há tanto tempo em Aachen, eu conheço a cidade, as pessoas e agora quero abrir um outro hotel.

- Hanna: E onde?
- Sra. Berger: Em algum lugar nos novos estados do leste. Talvez em Rügen, ou em Leipzig, ou ...
- Andreas: Em Leipzig? A cidade onde nasceu o Dr. Thürmann?
- Sra. Berger: Eu ainda não sei se eu quero ir novamente para uma cidade. Eu preciso de tempo, quero procurar com calma.
- Andreas: A sra. conseguiu um acompanhante. A sra. viaja e procura um novo hotel, eu viajo e escrevo reportagens.
- Ex: E eu? Você me leva?
- Andreas: *De qualquer forma!*

3ª lição

Brandenburgo: água, areia e batatas

Andreas fez uma reportagem sobre o estado de Brandenburgo.

- Andreas: Provavelmente você conhece o Portão de Brandenburgo, no centro de Berlim. E Berlim fica no centro do estado de Brandenburgo. Hoje nós gostaríamos de lhe apresentar esse estado. Venha conosco a Brandenburgo!

Brandenburgo sairá lucrando com o fato de Berlim estar situada no seu centro.

- Andreas: É claro que Brandenburgo sai lucrando com Berlim, a capital da Alemanha. Berlim tornar-se-á de novo importante política e economicamente, não só para a Alemanha como para a Europa.

No século XVIII, o rei Frederico, o grande (1712–1786) mandou construir um palácio em Potsdam e ali rodeou-se de artistas e filósofos.

- Andreas: Nós estamos agora em Potsdam, a capital de Brandenburgo. Aqui há um maravilhoso castelo. Ele se chama “*Sanssouci*”, uma palavra francesa que significa sem preocupações. O castelo é do século XVIII, a era do rei Frederico, o grande. Ele amava as artes, a filosofia, a literatura francesa, a música. Ele escrevia quase só em francês, convidou Voltaire para visitar seu castelo, tocava flauta e compunha, em suma: uma vida que foi um sonho. Duzentos anos mais tarde, chegou a vez de um outro “mundo dos sonhos”: o cinema. Perto de Potsdam, em Babelsberg havia grandes estúdios cinematográficos. Ali foram produzidos muitos filmes famosos ...

Brandenburgo era um estado bastante agrícola. Nos tempos da República Democrática Alemã, os camponeses cultivavam a terra em conjunto. Após a “virada” – a unificação dos dois Estados alemães, R. D. A. e R. F. A. – as terras, estatizadas em 1947, foram novamente privatizadas.

- Camponês: Maçãs, maravilhosas maçãs de Havelland. O senhor não quer umas maçãs?
- Andreas: Quero sim. (*morde a maçã*) De fato, ela é gostosa. É bonito aqui, realmente um idílio.
- Camponês: Mas a situação não é nem um pouco idílica.
- Andreas: Por que?
- Camponês: Em Brandenburgo muitas pessoas sempre viveram da agricultura. Nos tempos da R. D. A., o Estado nos assistia. Os campos pertenciam ao Estado, pois não havia propriedade privada, mas nós, os agricultores, podíamos viver do nosso trabalho. Desde 1990, a terra é novamente de propriedade particular e a concorrência é dura!

O rei Frederico, o grande, introduziu o cultivo da batata, que naquela época não era conhecida na Europa.

- Andreas: E já chegamos ao Rio Oder. Há mais de 250 anos aconteceu o seguinte: o rei Frederico, o grande, ordenou aos camponeses que plantassem batatas. Ele teve que dar a ordem pois naquela época ninguém conhecia a batata. Mas antes de iniciar o cultivo, foi preciso secar a terra (drenar os pântanos), o que demorou seis anos ...

No leste de Brandenburgo foi construída uma cidade industrial nos anos 50, que era uma cidade modelo na R.D.A.

- Andreas: Nós deixamos o norte de Brandenburgo, os camponeses, a água e as batatas e chegamos ao leste. Como em quase todas as partes do estado, o solo é bastante arenoso. *Eisenhüttenstadt* é uma cidade industrial construída sobre a areia ...
- Brandenburgo não queria viver apenas da agricultura e sim ter indústrias também. E assim foi construída uma nova cidade na década de 50: fábricas de aço e apartamentos. 12.000 pessoas trabalhavam aqui e 50.000 viviam na cidade até 1990. Hoje, essa indústria quase não tem chance de futuro e muitas pessoas já não têm mais trabalho.

4ª lição

O senhor von Ribbeck em Ribbeck

Andreas relata o teor de uma poesia do escritor brandenbúrguês Theodor Fontane. O sr. von Ribbeck, um latifundiário do século XIX, costumava dar peras do seu pomar às crianças da aldeia, todos os anos, no outono.

Ex: E as pessoas em Brandenburgo, como são elas?
 Andreas: Você já ouviu que em Brandenburgo sempre houve muitos agricultores. Eles amam a sua terra e seus habitantes. E sobre uma pessoa há uma história famosa.

Ex: Uma história de duende?
 Andreas: Não, Ex. É a história de um homem que gostava muito das crianças pobres. Todos os anos, no outono, ele lhes dava peras de sua pereira. Quando ele via uma menina, dizia: “Garotinha, venha cá, eu tenho uma pera.” Ao ver um garoto, perguntava: “Menino, quer uma pera?” Isso ele fazia entra ano sai ano. Um dia, o velho senhor percebeu que logo iria morrer. E pensou nas crianças. Quem é que ia lhes dar peras, quando ele morresse?

Ex: Por que? Ele não tinha filhos?
 Andreas: Tinha, Ex, ele tinha um filho, mas esse era muito sovina. Então ele teve uma idéia ...

O velho senhor mandou colocar uma pera sobre o seu túmulo e alguns anos depois, nasceu ali uma nova pereira.

Andreas: Pouco antes de sua morte, o velho senhor disse: “Quando eu morrer, ponham uma pera no meu túmulo”. Dito e feito. O velho senhor morreu e as crianças ficaram muito tristes. Ninguém mais lhes dava uma pera. Após três anos, de repente surgiu um pequeno ramo sobre o seu túmulo. E depois de muitos e muitos anos, cresceu ali uma grande e maravilhosa árvore.

Quando um garoto se aproxima, a pereira sussurra: “Menino, quer uma pera?” Se passa uma menina, a árvore sussurra: “Garotinha, venha cá, eu te dou uma pera.”

Ex: Isso é verdade?
 Andreas: É uma poesia, Ex e uma história verdadeira!

5ª lição

A poesia foi proibida

Andreas e Ex estão em Ribbeck, onde vivia a família do senhor von Ribbeck. Ali eles querem ver a pereira descrita na poesia de T. Fontane (vide 4ª lição). Eles conversam com um habitante da aldeia que lhes conta a história da árvore.

Homem da aldeia: Aqui, ao lado da igreja, estava a velha pereira.
 Andreas: Estava? E onde ela está agora?
 Homem da aldeia: Ela não existe mais. Há mais de 80 anos ela foi destruída por uma tempestade. O filho do velho sr. von Ribbeck mandou colocar um anel de ferro no tronco e levou-o para o seu castelo. Lá está ele, e era usado como um gigantesco cinzeiro! Hoje o sr. ainda pode vê-lo, no Restaurante *zum Birnbaum*.

Andreas: *(aponta para uma árvore)* E que árvore é essa aqui?
Homem da aldeia: Essa nós plantamos de noite e às escondidas.
Ex: Como os duendes de Colônia?
Homem da aldeia: Como? Duendes? Não, nós – algumas pessoas da aldeia.
Andreas: E por que às escondidas?

Depois, o homem relata alguns acontecimentos da história mais recente. Nos tempos da R.D.A. (1949–1990), a poesia de Fontane foi proibida. Ao que tudo indica, lembrar que houve latifundiários perturbava a construção do socialismo ...

Homem da aldeia: Ora veja só! No socialismo não se precisava de proprietários rurais nobres. O senhor sabe (conhece o lema): “Terra dos latifundiários em mão dos camponeses”. As terras foram desapropriadas e dadas aos agricultores. Nada mais devia lembrar os velhos tempos. E nada deveria recordar o velho Ribbeck: nenhuma árvore e nenhuma poesia. A segunda árvore foi simplesmente derrubada por soldados russos.

E a história de Fontane foi proibida. Durante 20 anos não havia nenhuma árvore aqui. E então nós plantamos uma (outra), exatamente aqui, no lugar certo, ao lado da igreja.

Andreas: Como assim? Também há um lugar errado?

Homem da aldeia: Claro que sim! Em 1990, depois da “virada”, de repente vieram os políticos do ocidente, plantaram uma pereira e recordaram o velho Ribbeck, mas no lugar errado.

Ex: Então existem agora duas árvores?

6ª lição Após a “virada”

*Andreas entrevistou algumas pessoas no estado de Brandenburgo. Ele lhes perguntou o que significou a **Wende**. Esse termo (virada) é usado para designar o momento da unificação dos dois Estados alemães, em 1990. O primeiro entrevistado é um jovem que está fazendo um curso para pedreiro.*

Andreas: O que a “virada” significou para você?

Karl: Isso eu ainda nem lhe posso dizer exatamente. Muitos amigos meus foram para o ocidente. E embora alguns tenham regressado, isso aqui ficou um tanto vazio. Quanto a mim, por enquanto vou ficar aqui. Vou terminar meu curso de pedreiro. Dentro de um ano eu estou pronto e então veremos ...

O segundo entrevistado é um moço que aprecia sobretudo a liberdade de viajar.

Frank: Isso foi formidável! Finalmente eu posso viajar por toda parte. Os outros países sempre me interessaram. Já estive na Itália e na Espanha. Embora eu tenha pouco dinheiro, quero muito ir para a Grécia.

A terceira é uma moça que desistiu do curso de corte e costura, que estava fazendo.

Marion: Quando veio a “virada”, eu estava fazendo um curso profissionalizante de corte e costura. Na R.D.A. essa era uma profissão com futuro. Depois veio a roupa pronta do ocidente, de Hong Kong etc ..., confecção barata. Como é que ia concorrer (contra esses produtos)? Então voltei para a escola e agora quero terminar o 2º grau.

A quarta entrevista é com um engenheiro que após a reunificação montou um negócio. Ele tem aproximadamente 45 anos.

Homem: Com a virada também veio a minha mudança! Na verdade eu sou engenheiro, fiquei desempregado e então abri uma loja de xerox, este copy-shop aqui. Isso faltava aqui. E economia de mercado é o que nós queremos aprender agora. Isso é bastante duro. Embora eu trabalhe de 12 a 14 horas por dia, estou satisfeito. Eu faço isso também pelos meus filhos.

A última entrevista foi com uma senhora com quarenta e tantos anos, que se encontra desempregada.

Mulher: O sr. me pergunta o que a “virada” significou para mim? Ela tem lados bons e ruins. Para a juventude ela certamente é boa, os jovens têm mais chances e agora finalmente podem dizer livremente sua opinião. Porém, para nós, especialmente para nós mulheres, a “virada” não foi boa. Embora nós todas tenhamos trabalhado, muitas mulheres na minha idade não encontram mais um novo emprego.

7ª lição

Uma sociedade multicultural

A sra. Berger e Andreas percorrem o bairro holandês de Potsdam, construído no século XVIII.

Sra. Berger: Não são maravilhosas essas casas antigas e simples?

Andreas: A sra. gostaria de abrir um hotel aí?

Sra. Berger: Claro! Esse é o lugar ideal para abrir um hotel. O castelo *Sanssouci* fica bem perto e lá sempre há muitos turistas.

- Ex: Eles se alojariam no seu hotel!
 Sra. Berger: Exatamente. Mas quando as casas estiverem reformadas, na certa vão custar muito caro. Pois é, um belo sonho uma casa antiga no Holländischen Viertel de Potsdam, mas somente um sonho ...
 Andreas: (*cita*) “No meu Estado, cada qual pode ser feliz à sua maneira!”
 Sra. Berger: (*ri*) Sim, sim, o velho Fritz* disse isso para demonstrar sua tolerância. Mas já faz mais de 250 anos. Hoje já não é tão simples a questão da tolerância ...
 Ex: Por que será?

Os tres conversam sobre os imigrantes do século XVIII, que foram muito bem recebidos, sendo respeitada sua cultura.

- Andreas: Por que hoje não seria mais possível que cada qual seja feliz à sua maneira?
 Sra. Berger: O sr. mesmo sabe porquê. Na guerra dos 30 anos, houve muitos mortos. E depois da guerra, os imigrantes eram bem vindos para povoar o país.
 Andreas: É, eu sei. E as pessoas foram bem tratadas, respeitou-se a sua cultura, era-se tolerante – de fato uma sociedade multicultural
 Sra. Berger: É verdade. Muitos imigrantes vieram para viver aqui: holandeses, italianos, judeus, huguenotes, somente os huguenotes eram 20.000!
 Ex: Huguenotes?
 Andreas: Franceses, Ex, o velho Fritz falava melhor o francês do que o alemão.
 Ex: (*Insiste*) Quem são os huguenotes?
 Andreas: São protestantes; sua religião, na época, era proibida na França.
 Ex: Ah bom, isso não me interessa. Eu estou com fome.
 Andreas: Eu compro um bolinho de carne para você ...
 Ex: Não, uma salsicha com caril!

8ª lição

Os estúdios da UFA em Babelsberg

Andreas conta como foi fundada a UFA e sobre os estúdios de Babelsberg.

- Andreas: A música era muito importante nos filmes antigos, nos filmes dos famosos estúdios cinematográficos de Babelsberg. Em 1917 foi fundada a companhia cinematográfica UFA. O governo do Reich investiu muito dinheiro nos estúdios, e

* Como era chamado o rei Frederico, o grande.

sabia muito bem porque (fazia isso): queria desviar a atenção das pessoas do desemprego e da guerra. Por isso, rodava-se filmes de entretenimento com muita música. Algumas canções desses filmes são conhecidas até hoje, como por exemplo a canção de 1944 “De noite ninguém gosta de ficar sozinho.” Ouça-a novamente.

Mas havia uma outra pretensão na época: queria-se fazer bons filmes para divulgar a cultura alemã no exterior. E isso conseguiu, por exemplo, Fritz Lang em 1927, com o filme *Metropolis*.

Depois do filme mudo, veio a era do filme falado.

Andreas: *Metropolis* ainda era um filme mudo. Para que não houvesse um silêncio absoluto, tocava-se música no cinema. Um músico da época conta: “Em Babelsberg nós também fazíamos música. Eu ia aos estúdios e tocava para animar os atores.”

Três anos depois, em 1930, isso já não era necessário. O filme falado havia nascido. Do que se aproveitaram também os nazistas. Eles controlaram os filmes e aproveitaram o som para fazer filmes de propaganda política. Após 1945, os estúdios de Babelsberg pertenceram à R.D.A. e desde 1992 pertencem a um consórcio teuto-francês. Este espera que ali sejam rodados muitos filmes, para que o cinema europeu volte a ser mais significativo.

9ª lição

Uma “bruxa das ervas”

Ao fazer um passeio pela bela região banhada pelo Rio Havel, Ex e Andreas encontram uma mulher que está colhendo ervas.

Ex: O que está fazendo aquela mulher?

Andreas: Eu acho que ela está colhendo ervas.

Ex: E o que ela faz com isso?

Andreas: Não tenho a mínima idéia. Nós podemos perguntar-lhe. (*dirige-se à mulher*) Bom dia.

Mulher: Bom dia.

Andreas: Belo tempo hoje ...

Mulher: Sim, é bom para colher ervas. Com chuva não dá.

Andreas: (*espantado*) A sra. está colhendo urtiga! Isso não doi?

Mulher: (ri) Não, eu estou com luvas.

Andreas: E o que a sra. faz com a urtiga?

Mulher: Chá, chá de urtiga. Ele é muito saudável.

Andreas: (*desconfiado*) Quanto a isso eu não digo nada ...

Mulher: Mas o chá de urtiga tem realmente bom sabor, e além do mais é um bom remédio. Cura pela natureza!
Andreas: Ah, sim, isso eu já ouvi dizer.

A mulher lhe explica o efeito da urtiga. Andreas lembra de quando mulheres como essa eram queimadas por se acreditar que fossem bruxas.

Andreas: E como é que isso funciona, a cura pela natureza? Eu quero escrever um artigo sobre isso.
Mulher: Naturalmente o sr. tem que conhecer as ervas e seu efeito.
Andreas: Qual é o efeito da urtiga?
Mulher: O sr. mesmo deve saber. O sr. disse que ela doi, queima.
Ex: A urtiga queima, é preciso conhecê-la.
Mulher: Exatamente. E em caso de reumatismo, por ex., deve-se passar (esfregar) urtiga na pele – isso é muito bom.
Andreas: *(desconfiado)* Hm ... a sra. colhe outras ervas também?
Mulher: Sim, esse é o meu passatempo.
Andreas: *(em tom de brincadeira)* A sra. não está vivendo de forma perigosa?
Mulher: Como assim?
Andreas: Antes mulheres assim eram queimadas como bruxas!
Mulher: Ach, isso acabou faz muito tempo!
Andreas: E as pessoas aqui na aldeia?
Mulher: Alguns me acham um pouco estranha, mas ninguém me incomoda realmente. Pelo contrário: as pessoas me chamam carinhosamente de *Kräuterhexe*.
Ex: Formidável! A sra. é uma bruxa de verdade? É que eu sou um duende.
Mulher: Eu bem que acredito.

10ª lição

Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental: água e estaleiros

Andreas inicia sua viagem a Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental em Müritzsee, um lago rodeado por uma grande reserva natural.

Andreas: Você ouviu? Pode-se ouvir (o canto) de pássaros raros aqui, neste paraíso natural. Os pássaros não são os únicos que estão em casa aqui; também há outros animais e plantas raras. Não há uma só pessoa a muita distância, tudo é silêncio. Nós estamos no sul de Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental, no lago *Müritz*. O lago fica numa grande reserva ecológica. Aqui dá realmente para acreditar que em Mecklenburgo os relógios andam diferente, bem mais devagar ...

A seguir, Andreas vai a uma aldeia chamada Güstrow, onde viveu o escultor Ernst Barlach.

Andreas: Prosseguimos a viagem, e da natureza à cultura (chegamos) em Güstrow. Güstrow é uma entre muitas cidadezinhas em Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental. Ela tornou-se conhecida através do escultor Ernst Barlach. Na catedral de Güstrow há uma escultura, um anjo da paz flutua ali. A escultura (original de Barlach) foi derretida pels nazistas. Hoje há na catedral uma cópia desse anjo.

A viagem continua pelo litoral do estado até Rostock, uma antiga cidade que pertenceu à Liga Hanseática (Hanse), na Idade Média. A Liga Hanseática incluía cidades e comerciantes que estabeleceram o monopólio comercial que lhes garantia isenção de taxas aduaneiras em certas rotas marítimas.

Andreas: Nós estamos em Rostock, uma cidade portuária no norte. Ainda hoje se vê que Rostock antes foi uma cidade próspera. Rostock pertencia à Liga Hanseática desde o século XIII. Essa era uma liga de várias cidades. Essas cidades tinham então um monopólio comercial e por isso eram muito ricas. E naturalmente havia nessa época muitos piratas, como por exemplo Klaus Störtebeker ...

Até 1990, Rostock era o centro dos estaleiros da Alemanha Oriental. Hoje, essa indústria da construção de navios está ameaçada, aliás como em outros países também.

Andreas: Até a virada, Rostock era, para a R.D.A., o portão para o mundo, especialmente para o norte e o leste. 55.000 pessoas trabalhavam nos estaleiros. Hoje, a indústria está ameaçada porque em outros países a construção de navios não é tão cara. Porém, espera-se que Rostock torne-se o portão para o sul. E espera-se que (atraia) o turismo.

A última escala na viagem de Andreas é a Ilha Rügen, um centro turístico.

Andreas: Rügen é maravilhosa – por isso vêm tantos turistas. Milhares de pessoas já visitaram os famosos penhascos da ilha. E isso deixa algumas pessoas de Rügen com medo. Elas temem que sejam construídos demasiados hotéis e ruas amplas para os turistas. A sua ilha deve permanecer bonita também no futuro. Será que vai dar certo?

11ª lição

A Ilha Rügen

Na Ilha Rügen, Andreas e a sra. Berger conversam com o sr. Wulf que pertence a uma iniciativa de proteção ambiental. Ela luta contra a especulação imobiliária e a construção de hotéis de luxo que poderiam destruir a natureza de Rügen.

- Andreas: O senhor é da iniciativa “Em prol de Rügen”. Ela recebeu, em 1992, o Prêmio Europeu de Proteção Ambiental. O sr. pode nos dizer o que faz?
- sr. Wulf: Certamente. O sr. viu a nossa ilha. Ela é maravilhosa, tem bosques esplêndidos, longas praias – ela ainda não foi destruída. E nós lutamos para que ela fique como está.
- sra. Berger: Isso seria muito bom!
- Andreas: Contra quem o sr. tem que lutar?
- sr. Wulf: Sabe, muitas pessoas aqui estão desempregadas. Não há indústrias, só um pouco de agricultura. Aí as pessoas esperam (melhoras) com o turismo.
- sra. Berger: Então o turismo seria bom para a ilha.
- sr. Wulf: Sim e não. Há alguns especuladores. Eles aproveitam a situação para ganhar muito dinheiro. Eles querem construir grandes hotéis, clubes de golfe e parques de lazer. Isso destrói a natureza. É contra isso que lutamos. Só queremos um turismo “suave” (sustentável).

O sr. Wulf conta de um projeto para construir em Rügen um grande estaleiro, o estaleiro Meyer.

- Andreas: E o estaleiro Meyer?
- sr. Wulf: Pois é, o Meyer queria construir um enorme estaleiro no leste da ilha, exatamente diante dos famosos penhascos. Um enorme pavilhão de montagem para navios de grande porte e naturalmente uma larga estrada: uma verdadeira região industrial.
- Andreas: Mas com novos empregos, não é?
- sr. Wulf: Sim, é verdade. Ele prometeu 2.000 empregos. (Vejam bem), eu disse “prometeu”. E quem pegaria esses empregos? Não nós aqui de Rügen! Engenheiros do ocidente ou do leste, mas não nós daqui. Além do mais, o estaleiro destruiria a natureza, a água, as plantas, os peixes, as árvores, tudo!
- Andreas: Portanto o estaleiro não será construído?
- sr. Wulf: Não, ele não será construído.
- sr. Berger: E o turismo?
- sr. Wulf: Os turistas vêm para cá de qualquer forma. Eles são bem-vindos. Mas por que construir tantos hotéis novos, nós temos tantos hotéis antigos ...
- sra. Berger: E eles devem ser reformados?
- sr. Wulf: Sim, isso nos alegraria muito.

12ª lição

Klaus Störtebeker

Andreas ainda se encontra em Rügen. Dali partia o pirata Klaus Störtebeker, no século XIV, para assaltar navios. Andreas tenta imaginar como seria essa época e uma conversa entre Klaus Störtebeker e seu capitão ...

- Andreas: Estou aqui sobre um rochedo em Rügen e olho para o mar. Vejo ali dois barcos e penso em Klaus Störtebeker, o famoso pirata. Ouça: não poderiam ser vozes de então, de 1388?
- Capitão: Ei, Klaus, olhe aquele barco ali! Ele é maravilhoso, grande e bonito. Um barco da "Hanse". Nós bem que precisaríamos dele.
- Klaus St: Realmente. Bem que nós poderíamos aproveitá-lo. *(Grita)* Vamos lá, marujos. Vamos tomar o navio!

O Duque de Mecklenburg queria ajudar seu primo, o rei da Suécia, que fora aprisionado pela rainha da Dinamarca. Ele pediu a ajuda dos piratas. Eles receberam "cartas de captura", isto é, licença para assaltar os navios dinamarqueses.

- Capitão: Klaus, você já ouviu? Há guerra entre Dinamarca e Suécia!
- Klaus St: Continue contando.
- Capitão: Os Mecklenburg querem que nós lutemos contra a Dinamarca. Até nós, os piratas! Nós receberemos cartas de captura dos Mecklenburg. Devemos aproveitar essa chance.
- Klaus St: E como?
- Capitão: Nós levamos alimentos a Estocolmo e em troca estaremos a salvo nos portos de Rostock e Wismar.
- Klaus St: Você já ouviu dizer o que os outros piratas farão?
- Capitão: Eles concordaram!
- Klaus St: Você tem razão. Essa guerra é a nossa chance. Nós ficaremos ricos e poderosos. Portanto, partamos a Estocolmo!

Alguns anos depois, as outras cidades hanseáticas protestaram contra esse "tratado" com os piratas, porque estes estavam lhe fazendo concorrência na venda de mercadorias.

- Capitão: Klaus Störtebeker, eu tenho uma má notícia.
- Klaus St: Fale, Wigbald!
- Capitão: Acabou a guerra entre Mecklenburg e a Dinamarca. As cidades hanseáticas obrigaram Mecklenburg a isso.
- Klaus St: E o que é das nossas cartas de captura?

Capitão: Acabaram. Isso poderia ser o nosso fim. Deveríamos pensar no que podemos fazer.
Klaus St: Klaus Störtebeker nunca desiste. Nunca! Já sou pirata há dez anos e continuarei a sê-lo.

13ª lição Um clube de remo

Andreas e a sra. Berger visitam um clube de remo num dos inúmeros lagos em Mecklenburgo-Pomerânia Ocidental.

sra. Berger: Veja, eles estão voltando agora. Ah, eu bem que gostaria de remar novamente.
Andreas: A senhora, remar?
sra. Berger: Sim, antes eu era membro de um clube de remo. Eu gostava muito.
Andreas: (*brincando*) Ah, eu não sabia que a sra. era tão esportiva!
sra. Berger: (*canta uma conhecida canção de remadores*)

Os jovens do clube chegam à margem.

Andreas: Vocês estão vindo do treinamento?
Moça: Sim.
sra. Berger: Quantas vezes por semana vocês treinam?
Moça: Duas ou três vezes.
Andreas: Vocês também praticam outros esportes?
Moça: É claro, nós corremos, jogamos voleibol e handebol. E além disso fazemos muita coisa juntos: excursões, vamos à piscina ou simplesmente sentamos confortavelmente em algum canto, todos juntos. Nós somos um verdadeiro clube!

A moça conta como mudaram as condições do esporte, depois da "virada".

sra. Berger: Vocês também participam de competições?
Moça: Nós gostaríamos de participar com mais frequência. Mas isso custa muito caro. Na R.D.A. tudo era organizado pelo Estado.
Andreas: E agora, como é?
Moça: Agora nós temos que pagar quase tudo: a eletrecidade, a cabana para os barcos, novas canoas e também as competições.
sra. Berger: E como vocês fazem isso?
Moça: Nós pagamos uma taxa (mensalidade).
Andreas: Uma taxa de filiação?
Moça: Sim, e nossos pais nos dão o dinheiro. Sem eles isso não seria possível. Este ano nós só pudemos participar de uma competição. Mas nos saímos muito bem. E estamos orgulhosos disso!

14ª lição

Morar num conjunto habitacional

Andreas está em Rostock e descreve um conjunto residencial típico, construído nos tempos da Alemanha Oriental.

- Ex: Puxa, como é frio e ventoso por aqui.
Andreas: Pois é, caros ouvintes, hoje nós estamos num lugar verdadeiramente frio. Vocês é que são felizes, por estarem em casa, diante do rádio! Nós estamos num conjunto habitacional em Rostock. Vocês devem imaginar um enorme conjunto residencial. Por onde quer que eu olhe, só vejo prédios e mais prédios. Eles têm todos a mesma aparência: são lisos, retos e altos, alguns têm 21 andares. Os edifícios foram construídos com placas de concreto armado, uma placa colocada ao lado (ou em cima) da outra. Por isso, esse estilo de construção se chama “Plattenbau” (placas de concreto). Bem, eu estou aqui numa brecha entre os prédios e vou esperar para ver se alguém passa por aqui. Eu tenho sorte, lá vem uma pessoa.

Uma senhora que vive num dos prédios conta a Andreas como é morar num conjunto residencial e quais são os problemas atuais em relação à moradia.

- Andreas: Com licença, a sra. tem um pouco de tempo?
sra. Beimer: Um pouco tenho sim, o que há?
Andreas: Há quanto tempo a sra. vive aqui?
sra. Beimer: Nós já estamos aqui há 20 anos.
Andreas: E a sra. se sente bem aqui?
sra. Beimer: Antes sim. Nós sempre ouvimos tudo através das paredes, mas a gente se dava por satisfeito de ter um apartamento. Moramos durante muito tempo num apartamento antigo, com banheiro comum no corredor e calefação a carvão. Então achamos muito bom quando recebemos um apartamento bem construído, com um bom aquecimento.
Andreas: E como é agora (a situação)?
sra. Beimer: Bem, desde a “virada” tudo mudou. Os aluguéis ficaram mais caros. Temos que pagar quatro vezes mais do que antes. Calefação e luz à parte. E depois, o senhor está vendo o lixo ali? Antes tínhamos aqui um zelador. Ele vivia aqui e tratava de tudo. Não, agora não é mais bonito morar aqui, eu quero ir embora, mas para onde ir?

15ª lição

Saxônia: Música e indústria

Em Leipzig, cidade onde a música faz parte da tradição, Andreas segue os passos de Johann Sebastian Bach.

- Andreas: *(fala sobre fundo musical)* Música de Johann Sebastian Bach. Johann Sebastian Bach foi um grande músico ...

Hoje eu estou na Igreja de São Tomás, em Leipzig. Nesta igreja, Johann Sebastian Bach dirigiu o coro, de 1723 até a sua morte, (portanto) 27 anos. E hoje em dia muita coisa ainda nos lembra Johann Sebastian Bach. Na Igreja de São Tomás pode-se ouvir música de Bach todas as semanas. E pode-se ver seu túmulo ou um grande monumento a Johann Sebastian Bach diante da igreja. A música tinha uma grande tradição na família Bach e Johann Sebastian deu continuidade a essa tradição. Ele teve muitos filhos: 11 filhos e 9 filhas! Alguns de seus filhos também se tornaram compositores famosos. A fim de distinguir os vários músicos da família Bach, é preciso mencionar sempre o seu nome ...

Andreas fala sobre Chemnitz, a metrópole industrial da Saxônia.

Andreas: Estou em Chemnitz, a metrópole industrial da Saxônia. Aqui são fabricadas máquinas, todos os tipos de máquinas: para a agricultura, locomotivas e vagões para os trens, até bicicletas são fabricadas. Também há indústria química aqui. Os empregos são importantes, mas o ar é muito ruim. Dá para cheirar os gases (emitidos pela) indústria. Eu continuo a viagem (e vou) a uma cidadezinha ...

Andreas vai a Freiberg, uma pequena cidade onde se explorava prata já no século XII.

Andreas: A prata foi encontrada aqui já no século XII e tornou Freiberg e a Saxônia muito ricas. Tão ricas que se construiu uma catedral em Freiberg. E na catedral de Freiberg há um órgão muito famoso. A cidade era rica, mas os trabalhadores não. A extração de prata era um trabalho muito duro e mal pago. Muitos mineiros tinham que procurar um segundo trabalho.

16ª lição

Problemas ambientais

O Dr. Thürmann voltou a Leipzig, onde nasceu, e se dedica à medicina alternativa. Andreas e Ex visitam-no em sua casa.

Dr. Thürmann: Bom dia, sr. Schäfer.
Andreas: Bom dia, Dr. Thürmann.
Dr. Thürmann: Ah, quem imaginaria ...

Ex: O que?
Dr. Thürmann: Alô, Ex, você também está aqui?
Ex: É claro!
Dr. Thürmann: Pois é, quem imaginaria que nós iríamos nos encontrar aqui ... Aqui em Leipzig, minha cidade natal.
Andreas: Eu me alegro muito. Como vai o senhor?
Dr. Thürmann: Bem, obrigado. O senhor certamente se lembra de que eu fechei meu consultório em Berlim.
Andreas: Sim, isso o sr. me contou. E o que o sr. faz agora?
Ex: Provavelmente ele ainda quer me tornar visível!
Dr. Thürmann: Talvez, Ex, quem sabe? Não, falando a sério, eu agora escrevo artigos sobre a medicina alternativa.

Andreas fez algumas pesquisas sobre medicina alternativa e levou revistas para o Dr. Thürmann.

Andreas: O sr. me perguntou, naquela época, se eu poderia fazer pesquisas sobre medicina alternativa. Eu me informei um pouco.
Ex: Nós até conversamos sobre isso com uma bruxa das ervas.
Dr. Thürmann: Realmente?
Andreas: Bem, veja o senhor, eu lhe trouxe algumas revistas.
Dr. Thürmann: *(folheia, lê os títulos)* “A saúde através das ervas”, “Pílulas, ervas, terapias”, “A Alemanha no teste do meio ambiente”. Era justamente isso que eu estava procurando: algo sobre o meio ambiente.
Andreas: Bem que eu posso imaginar. Aqui por toda parte o ar cheira a gases da indústria, a enxofre ...
Ex: Que horror!
Dr. Thürmann: Aqui no leste há realmente sérios problemas ambientais. O ar está poluído, o solo, a água (também); ainda há muito por fazer.
Andreas: Eu ainda tenho que lhe contar uma coisa, sobre isso eu fiz umas entrevistas interessantes.

17ª lição

Um passeio por Leipzig

O Dr. Thürmann mostra a Andreas sua cidade natal, Leipzig. Primeiramente eles vão à Igreja Nikolai.

Andreas: Ainda há orações pela paz?
Ex: Você não sabe ler? Ali está escrito: Todas as segundas-feiras, às 17 horas: oração pela paz.
Dr. Thürmann: Sim, ainda existe essa tradição, embora venham poucas pessoas atualmente. E essa tradição não existe somente a partir de 1989, ela é bem mais antiga.
Andreas: Nos tempos da R.D.A. as pessoas já se encontravam aqui.

- Dr. Thürmann: Sim, desde 1981. Elas se encontravam para rezar e para discutir.
- Andreas: E em 1989 esses encontros tornaram-se mais políticos. As pessoas saíam à rua para manifestar em prol de mais direitos, mas isso todos sabem.

A seguir, eles falam sobre o edifício da universidade, que é mais alto que os demais prédios do centro. A idéia dos arquitetos era que o prédio desse a impressão de um livro aberto.

- Ex: Que casa enorme é essa?
- Andreas: Essa é a universidade; mais alta não dava para construir ...
- Dr. Thürmann: Esse é o nosso dente do siso. Olhe com atenção. O prédio deve dar a impressão de um livro.
- Andreas: Pois isso eu não consigo reconhecer.
- Ex: Nem eu!
- Dr. Thürmann: É, para isso é preciso muita fantasia.
- Andreas: Bonito o prédio não é, mas onde é que a universidade supera todos os outros prédios? Isso me agrada.

Os três vão a um bar chamado Auerbachs Keller. Ele é famoso porque ali transcorre uma das cenas do "Fausto", de Goethe. Algumas pessoas estão cantando alto.

- Dr. Thürmann: Ó não, tem que ser? Será que eles não podem cantar mais baixo?

18ª lição

Porcelana – o ouro branco

Ao visitar a manufatura de porcelana em Meissen, a sra. Berger conta a história da invenção da porcelana. O alquimista Friedrich Böttger afirmava que era capaz de fabricar ouro.

- Sra. Berger: O sr. conhece a história de como se inventou a porcelana aqui em Meissen?
- Andreas: Não, mas ela me interessa.
- sra. Berger: A história que vou lhes contar agora é verdadeira! Há quase 300 anos, vivia aqui um homem chamado Friedrich Böttger. Ele tinha um passatempo que era comum na época: ele se dedicava à alquimia.
- Andreas: E os alquimistas tinham sobretudo um objetivo: eles queriam fabricar ouro.
- sra. Berger: Exatamente. Mas Friedrich Böttger afirmava que podia fazê-lo. Ele afirmava em voz alta que era capaz de fazer ouro. E essa foi a sua desgraça.
- Andreas: Como a sua desgraça?
- sra. Berger: Porque então o rei da Prússia, que ouviu falar disso, queria esse ouro de qualquer jeito.

Böttger foi preso. Ele não conseguiu fabricar ouro puro, mas em compensação achou a receita para produzir porcelana.

- sra. Berger: Böttger ficou com medo. Ele foi perseguido e fugiu para a Saxônia, a fim de proteger-se. (E teve) azar!
- Andreas: O que aconteceu com ele lá?
- sra. Berger: O príncipe eleitor da Saxônia trancafiou-o no seu castelo. Ali Böttger deveria fabricar ouro. Isso era impossível. Então ele deveria descobrir pelo menos o “ouro branco” – assim se chamava naquela época a porcelana. O príncipe eleitor da Saxônia, que admirava a louça da China, queria muito saber como essa louça era fabricada. Böttger esteve preso durante um ano inteiro e então descobriu o segredo. Em janeiro de 1710, o príncipe eleitor da Saxônia registrou para toda a Europa uma patente: a patente para a manufatura de porcelana.
- Ex: (Ele teve) sorte no azar.

19ª lição

Saxônia-Anhalt: natureza – indústria – religião

Andreas caminha por Brocken, a mais alta montanha de uma cadeia chamada Harz. De 1952 a 1989 não se podia subir ali porque essa era uma zona interdita na R.D.A.

- Andreas: Como se sabe, os alemães gostam de fazer longas caminhadas – aliás eu também. Por isso vim ao Harz, para subir finalmente até o Brocken. Aqui, em pleno Harz era a fronteira inter-alemã. De 1952 até o final de 1989, não se podia ir ao Brocken – tudo interdito. Mas essa época já passou.

Andreas vai ao centro da indústria química nas imediações de Bitterfeld. Nessa região sempre houve muitos recursos naturais.

- Andreas: Agora eu vou de Halle a Bitterfeld. O solo aqui é muito rico. Já na Idade Média extraía-se sal em Halle. Depois veio ainda a extração de carvão. E hoje em dia? Embora eu tenha fechado a janela, fede. Estamos a 15 quilômetros de Bitterfeld, mas já dá para sentir os gases da indústria química. Em Bitterfeld e redondezas estava situado o centro da indústria química da Alemanha Oriental. Ali fabricava-se plástico, adubos, borracha e outros produtos. Nos tempos da R.D.A. 300.000 pessoas trabalhavam aqui. Em 1992 eram apenas 80.000, mas a indústria química deve permanecer aqui.

Os dejetos da indústria química contaminaram a região.

Andreas: O ar aqui é ruim. Porém não somente o ar. O solo também está contaminado. Contaminado pelo lixo. Deixava-se o lixo simplesmente jogado. A fruta e os legumes, por exemplo, aqui cultivados, estavam contaminados. As pessoas não podiam mais comê-los. Os rios e lagos também estão contaminados e as pessoas ficaram doentes. Nos últimos anos, o ar tornou-se melhor, a água ficou mais clara. Porém, ainda vai demorar muito até que se possa viver aqui de forma saudável.

Em 1983, durante os festejos do 5º centenário de Martinho Lutero em Wittenberg, fundiu-se uma espada, como ato simbólico da paz. Uma testemunha relata:

Nós festejamos hoje o 5º centenário de Martinho Lutero. 3 mil jovens estão aqui, diante da Igreja Lutero. No centro há uma fogueira de carvão. Um ferreiro de Wittenberg vai até o centro, em direção ao fogo. Ele tem na mão uma espada, levanta-a e coloca-a agora no fogo. A espada fica incandescente. O ferreiro bate no ferro.

Uma mulher diz: “Todos precisam do seu pão, do seu vinho. Que haja paz, sem guerra. Espadas transformam-se em arados”.

20ª lição

“O Brocken é um alemão” (Heine)

A sra. Berger e Andreas querem passear na montanha chamada Brocken. Eles se lembram de que o poeta Heinrich Heine comparou o caráter dos alemães ao Brocken.

Andreas: Ex, você sabe o que é um osso duro de roer?

Ex: Não.

Andreas: É uma tarefa difícil, complicada ...

sra. Berger: *(trocadilho)* O Brocken é um osso duro de roer! A pé é que eu não vou lá em cima.

Andreas: Por que não?

sra. Berger: Você não conhece o “Fausto” de Goethe? Até o Mefisto não queria ir a pé até o Brocken. Ele queria uma vassoura, como (usam) as bruxas para chegar lá.

Andreas: E a sra. sabe o que disse Heine?

sra. Berger: Sei. “O Brocken é um alemão”.

Ex: O que ele quis dizer com isso?

Andreas: Ele quis dizer: o Brocken é tão sólido como os alemães, tão tolerante mas também tão romântico e louco como os alemães.

sra. Berger: E como eu não sou louca, vou tomar agora o funicular para o Brocken. O sr. vem comigo?

Andreas: Claro, eu já cheguei a pé lá em cima, uma vez.

O motorneiro do funicular ao Brocken mostra-lhes a “praça das bruxas”. Diz-se que é ali que elas dançam na noite de 30 de abril para 1º de maio, conhecida como “noite de Wallburga”.

Motorneiro: Subam todos! Subam, por favor! Nós partimos. “À montanha quero subir”, já dizia Heinrich Heine. Mas vocês estão (numa situação) melhor que a de Heine, (pois) não precisam ir a pé. Com o nosso funicular é bem mais cômodo do que a pé. E agora vem a praça das bruxas. Vocês sabem que no dia 1º de maio as bruxas se encontram aqui e dançam. Isso já era assim (nos tempos) de Goethe, e hoje também.

21ª lição

Carvão – o ouro negro

Andreas está numa região destruída pela extração de carvão.

Andreas: Você já esteve alguma vez na lua? Não. Eu tampouco. Mas a lua deve ser como esta paisagem aqui: a quilômetros (não se vê) nenhuma árvore, nenhuma casa, nada, só crateras. Se eu não visse com meus próprios olhos, não acreditaria. Onde eu estou? Numa região onde se explora carvão há mais de cem anos, sem consideração às pessoas e à natureza.

Andreas conversa com uma senhora de idade. Ela mora numa aldeia, em que quase todos os habitantes trabalham na exploração do carvão.

Andreas: A aldeia está vazia, só poucas pessoas moram aqui. Mas elas querem ficar.
senhora: Sim, eu sou uma mulher velha. Eu sempre estive aqui e quero ficar aqui.
Andreas: Portanto a sra. sempre morou aqui?
senhora: Vivi e trabalhei. Meu pai trabalhou na MIGRAG, meu marido, meus filhos e eu também.
Andreas: O que a sra. fazia lá?
senhora: De tudo, como os homens. Ah, se vocês do ocidente soubessem como nós trabalhamos aqui, e também nós, mulheres! Mas nós estávamos orgulhosas da nossa empresa, do nosso trabalho.
Andreas: Chama-se o carvão também de “ouro negro”, mas ele destruiu a natureza e acabou com a sua saúde.
senhora: O sr. tem razão. Mas é tão fácil dizer isso! O que nós devíamos fazer? Assim ganhamos nosso dinheiro, não havia outra coisa.

A aldeia corre o risco de ser destruída pela extração.

Andreas: O carvão engoliu as aldeias, uma após a outra.
senhora: E agora é a nossa vez. Meus filhos já foram embora. Ah, se meu marido ainda fosse vivo! Ele também ficaria aqui. Eu sou uma mulher velha, eu fico aqui até morrer!

22ª lição

Turingia: o coração verde

Andreas está no sul do estado, no Bosque Turingio, percorrendo um conhecido caminho para excursões a pé.

Andreas: Estou aqui bem no centro do Bosque Turingio, no coração verde da Alemanha, num conhecido caminho para excursões. Ele tem 168 quilômetros de extensão! Muitas pessoas caminham por aqui. E quando sentem fome, podem comprar, num quiosque, a verdadeira linguiça da Turingia ...

Foi nesse caminho que Goethe escreveu uma famosa poesia.

Andreas: Antes aqui era bem mais tranqüilo. Tão tranqüilo que Goethe até pensou na paz eterna – na morte. Ouça o poema que Goethe escreveu em 1780, aqui neste caminho.

Andreas descreve as vantagens da Turingia ter sido dividida em pequenas regiões (no passado).

Andreas: A Turingia é um estado pequeno. Em sua história sempre foi uma terra dividida. Isso tinha uma grande vantagem: os pequenos “países” eram vários e tinham muito poucos habitantes como para travar uma guerra. E porque os príncipes não podiam travar guerras, faziam algo bem mais razoável: incentivar a cultura. Eles colecionaram quadros e livros, trouxeram músicos ao país, construíram teatros ... No século XVIII, muitos pintores, músicos e poetas famosos, como por exemplo Schiller e Goethe, viveram em duas cidades: Iena e Weimar.

Andreas visita um museu do vidro.

Andreas: Estou num museu de arte em vidro e me sinto um tanto raro. Você conhece tudo o que se pode fabricar de vidro? Naturalmente garrafas, copos, jóias, mas também olhos ... O vidro é fabricado aqui há mais de 450 anos. Primeiro eram garrafas, depois jóias e olhos para bonecas, mas também olhos artificiais de vidro para pessoas. Cem anos atrás, trabalhava-se até tarde da noite, 15 horas por dia, inclusive aos domingos. Hoje o trabalho é mais leve.

O belo estado da Turingia também tem o seu lado sombrio.

Andreas: Mas também sobre o belo estado da Turingia paira uma sombra: desde 1946 explorou-se aqui o perigoso urânio. Ele foi extraído em grandes quantidades no leste da Turingia, na fronteira com a Saxônia. É certo que desde 1990 não se extrai mais urânio, porém os dejetos radioativos ainda estão lá. E continuam representando um perigo para as pessoas e o meio ambiente.

23ª lição

O mito de Barbarossa

Andreas propõe a Ex ir até a caverna de Barbarossa.

Andreas: Venha, Ex, vamos à caverna de Barbarossa.

Ex: Oh sim, genial, uma caverna! Os duendes de Colônia também vivem numa caverna.

Andreas: Mas *Barbarossa* não vive mais, ele já está morto há mais de 800 anos.

Ex: Mas os duendes de Colônia não! Por que ele se chama *Barbarossa*?

Andreas: Na verdade ele não se chamava assim. Era o imperador Frederico I, que os italianos chamavam de *Barbarossa*.

Ex: E o que significa *Barbarossa*?

Andreas: Barba vermelha, ou ruiva. É que Barbarossa tinha uma barba vermelha.

Ex: E os alemães?

Andreas: A barba vermelha para eles dava na mesma, eles amaram muito o seu imperador. Alguns nem queriam acreditar na sua morte. Eles achavam que ele continuava vivo. E as pessoas que acreditavam nisso, diziam que ele só estava dormindo lá em baixo, na sua caverna. Eles achavam que em algum momento ele voltaria ...

Ex: Quando, hein?

Andreas conta a saga de Barbarossa.

Andreas: O imperador Barbarossa morreu de repente. Porém, ninguém quis acreditar que ele realmente tinha morrido. Assim surgiu um mito, no qual alguns ainda acreditam hoje: (o mito) de que o imperador continua dormindo na caverna de Barbarossa. Sua barba vermelha já cresceu tanto que deu duas voltas na mesa de pedra. Lá fora, corvos sobrevoam a montanha. Uma vez a cada cem anos, o imperador envia um anão lá da sua caverna. Ele deve controlar se os corvos continuam voando ao redor da montanha. E quando o anão volta e diz que os corvos continuam sobrevoando a montanha, o imperador dorme por mais cem anos ... Mas um dia Barbarossa, por quem tanto tempo se esperou, regressará e tudo será como antes.

24ª lição

Lutero em Wartburg

Andreas imagina como Lutero foi levado ao castelo Wartburg, onde estava em segurança.

Andreas: Estamos em 1521. Procurado pelo Papa e o imperador, Martinho Lutero tem que fugir. Em plena viagem através do Bosque Turíngio, sua carruagem é assatada.
“Parem! Isto é um assalto. Desçam!” – gritam três homens.
“Socorro! O que vocês querem de mim? Eu não tenho dinheiro” – diz Lutero. “Venha conosco ou você é um homem morto” – gritam os homens e tiram Lutero da carruagem.
“Aonde vocês vão me levar?” – quer saber Lutero e lhe contam: “Um amigo seu nos enviou. Vamos levá-lo ao castelo Wartburg. Ali você estará em segurança. A partir de agora você é um homem comum. Você não se chama mais Martinho e sim Jörg. Portanto, venha, agricultor Jörg!” Assim Lutero chegou a Wartburg, onde se escondeu por um ano.

Durante uma visita ao castelo Wartburg, a guia conta a história de uma certa mancha de tinta.

Guia: Este é o quarto de Lutero. E esta é a mesa na qual Lutero trabalhava. Como os senhores sabem, aqui ele traduziu o Novo Testamento. Para isso ele precisou de um ano, apenas um ano! É claro que ele teve problemas – não na tradução e sim com o diabo. O diabo, a quem não agradou esse trabalho, irritou Lutero. E para afastar o diabo, Lutero pegou seu tinteiro e jogou no diabo. Infelizmente o tinteiro não atingiu o diabo e sim a parede. Aqui, vejam os senhores, a mancha continua ali.

Ex: A mesma velha mancha?

Andreas: Psst, Ex, não, é claro que não. A mancha foi retocada especialmente para os turistas ...

25ª lição

A flor azul

A “flor azul” desempenha um importante papel num dos romances de Novalis, um escritor da época do Romantismo. Ela simboliza a busca de si mesmo.

Andreas: Caros ouvintes! Você têm vontade de procurar hoje conosco uma flor azul? Trata-se de uma determinada flor azul – portanto a *Blaue Blume*. Talvez você já tenha ouvido falar dela. Ela desempenha um importante papel num romance do Romantismo. “*Heinrich von Ofterdingen*” é o título desse romance de Novalis, um escritor do Romantismo. Novalis faz

seu personagem principal sonhar; Heinrich sonha com a *Blaue Blume* e desde esse sonho ele começa a procurá-la.

O Dr. Thürmann vê uma ligação entre a “flor azul” e o fato de Novalis ter se dedicado à mineração.

- Andreas: Desde o sonho, Heinrich tentava encontrar a *Blaue Blume*. Ele procurou-a por todo lado, fez longas viagens, até desceu bem no fundo de uma montanha ...
- Dr. Thürmann: E exatamente isso chamou a minha atenção, a montanha.
- Andreas: Como assim?
- Dr. Thürmann: Novalis estudou mineração. Portanto ele conhecia as montanhas e suas entranhas. Agora eu peço ao senhor que me ouça com atenção. Um certo lugar na montanha, onde há minério, chama-se *Eiserner Hut*. (Ao ouvir esse nome) o sr. se lembra de algo?
- Andreas: Hm ... não.
- Dr. Thürmann: Pense no nome de uma flor.
- Ex: *Eisenhut* (acónito)!
- Dr. Thürmann: Exatamente, acónito! Uma flor azul, uma flor com pétalas azuis. De onde você a conhece, Ex?
- Ex: *(tosse ligeiramente)*

26ª lição

Uma palavra mágica

O Dr. Thürmann está pensando se não poderia tornar Ex visível, com ajuda da flor do acónito, uma planta venenosa.

- Dr. Thürmann: O sr. sabe que o acónito é uma planta muito venenosa? Dela pode-se extrair um veneno mortal ... *(pensativo, como se falasse consigo mesmo)* E quando se dilui o veneno, talvez ele possa reviver alguém, talvez também possa tornar alguém visível ...
- Ex: Ele quer me tornar visível, eu sempre soube disso. Mas eu não quero! Não, jamais. Não é nenhuma doença ser invisível!
- Dr. Thürmann: Está bem, Ex, nós não vamos fazer experiências.
- Andreas: Não, de jeito nenhum! Nada de experiências com a minha Ex!

A sra. Berger quer saber por que Ex foi ter com Andreas.

- sra. Berger: Ex, eu gostaria de saber por que você foi ter com o Andreas.
- Ex: Porque ele disse a palavra mágica.
- Andreas: Como? Eu disse uma palavra mágica? Como é que você sabe isso, Ex?
- Ex: Pelos duendes de Colônia ...
- Andreas: Então você os encontrou?

Ex: Sim, um (deles).
Andreas: E qual é a palavra mágica?
Ex: Isso eu não sei!

A palavra mágica, que Andreas pronunciou sem saber, é sowieso.